

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARCAS CULTURAIS DO USO DA CHUPETA: DIZERES E CONTRADIÇÕES NA
RELAÇÃO MÃE x CRIANÇA**

RAQUEL FELIPE DÁRIO

**PIRACICABA – SP
2007**

**MARCAS CULTURAIS DO USO DA CHUPETA: DIZERES E CONTRADIÇÕES NA
RELAÇÃO MÃE x CRIANÇA**

RAQUEL FELIPPE DÁRIO

ORIENTADORA: Profa. Dra. MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**PIRACICABA - SP
2007**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro

Profa. Dra. Ivone Panhoca

Profa. Dra. Evani Andreatta Amaral Camargo

AGRADECIMENTOS

A Deus, por eu estar aqui.

Aos meus pais Isael e Fátima por acreditarem em mim, pelo amor, e pelos mestres que são.

Ao amor da minha vida Guto, pela paciência, pelo incentivo, pelo amor, e por ser tão importante.

A Ana Clara minha querida filha, minha inspiração, meu amor, meu tudo...

A minha irmã Tais, por ser tão especial...

A toda minha família e a minha avó Julia, que muitas vezes reza por mim.

A Inês minha orientadora, pela paciência, incentivo e pelas reflexões que fizemos juntas.

A Ivone Panhoca, por despertar em mim o amor pela Fonoaudiologia e pela pesquisa.

A Evani pela preciosa colaboração neste trabalho.

A Telma C. Rocha, amiga, obrigada pelas preciosas discussões que tivemos.

A APAE de Cordeirópolis onde eu amo trabalhar.

As amigas do mestrado, nunca esquecerei os momentos que passamos juntas, valeu!!!!

A todos os professores do mestrado.

As mães e as crianças pelos seus lindos relatos que me fizeram refletir muito neste trabalho.

As professoras Andréa e Sandra pela colaboração e amor pela profissão.

Ao Departamento de Educação de Cordeirópolis e a Escola Municipal Amália Malheiro Moreira, que permitiram a realização deste estudo.

“O nascimento cultural da criança inicia quando as coisas que a rodeiam começam adquirir significação para ela, porque primeiro, tiveram significado para o outro.”

(Angel Pino, 2005).

RESUMO

A sucção de chupeta é um tema muito discutido principalmente pela Fonoaudiologia e Odontologia no que diz respeito aos malefícios que pode causar para a oclusão e as funções que compõe o Sistema Estomatognático. Neste estudo busquei refletir e discutir sobre as marcas culturais do uso da chupeta reveladas nos dizeres e contradições da relação mãe x criança. A abordagem metodológica adotada neste trabalho foi a da análise microgenética que está inscrita numa perspectiva histórico-cultural e semiótica dos processos humanos e que permite a construção dos dados a partir de detalhes e do recorte de episódios interativos extraídos de um corpus maior. Este procedimento favoreceu o exame minucioso dos dizeres de mães e crianças em situações interativas possibilitando relacioná-los à condições sociais maiores. A investigação mostrou que, o uso da chupeta carrega contradições e conflitos, tanto para mães que desejam acalmar e confortar seus filhos, como para as crianças que sentem o carinho e a segurança das mães, transmitidos através da chupeta. O significado afetivo do uso da chupeta, transmitido de geração em geração, provoca conflitos quando se anunciam os prejuízos que podem causar para a saúde das crianças. A mídia e a indústria incentivam o uso da chupeta, uma vez que este hábito gera lucros, mas por outro lado, acabam envolvendo-se em campanhas políticas que a condenam. Os dados possibilitam aos profissionais das áreas de saúde e educação uma reflexão importante para o planejamento e implementação de programas de apoio à saúde da criança.

Palavras-chave: Vigotski, mãe e filho, sucção.

ABSTRACT

The suction of pacifier is a very argued subject mainly for Phonoaudiology and for Odontology, when focusing the damages that it may cause for the occlusion and the functions that compose the Stomatognathic System. In this study, I looked for reflecting and discussing about the cultural marks in the pacifier usage revealed in the talkings and contradictions in the child x mother relationship. The methodology adopted in this work was the microgenetic analysis that is enrolled in a historical-cultural perspective and semiotics of the human processes and allows the data construction from details and clippings of interactive episodes of a bigger corpus. This procedure favored the detailed examination of mother's and child's talkings in the interactive situations making it possible to relate them in bigger social conditions. The inquiry showed that, the pacifier usage carries contradictions and conflicts, as much for mothers that desire to calm down and comfort their children, as for the children who feel their mother's affection and security, transmitted through the pacifier. The affective meaning of the pacifier usage, transmitted from generation to generation, generates conflicts when the damages that may cause in the children's health are announced. The media and the industry stimulate the pacifier usage, once this habit generates profits, but on the other hand, they get involved in political campaigns that condemn it. The data make it possible to professional of the health and education areas an important reflection for planning and implementing health children's support programs.

Key words: Vigotski, mother and son, sucking.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - SUÇÃO DE CHUPETA: O QUE DIZEM A ODONTOLOGIA E A FONOAUDIOLOGIA.....	4
CAPÍTULO 2 - CULTURA - VIGOTSKI E A NATUREZA CULTURAL DA CRIANÇA.....	11
CAPÍTULO 3 - A HISTÓRIA DA CHUPETA E DA AMAMENTAÇÃO.....	16
CAPÍTULO 4 - O CAMINHO PERCORRIDO E OS ENCONTROS COM MÃES E CRIANÇAS.....	26
CAPÍTULO 5 - O QUE REVELAM OS DADOS.....	31
CAPÍTULO 6 - UM OUTRO OLHAR SOBRE A SUÇÃO DE CHUPETA.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS.....	49

INTRODUÇÃO

A fonoaudiologia, e outras áreas da saúde, tais como: a odontologia e a medicina, afirmam sobre as conseqüências negativas da sucção de chupeta por crianças, e propõem diferentes modos de retirada deste hábito.

Por outro lado, a chupeta é um recurso muito utilizado por crianças de diferentes idades em nossa sociedade. As mães a utilizam para acalmar seus filhos ou mesmo, para suprir a angústia em vê-los chorar.

É fato, portanto, que embora muitos profissionais condenem a chupeta e apontem para os malefícios que o hábito pode acarretar para a oclusão e para as funções estomatognáticas, o seu uso permanece presente em nossa sociedade e cultura.

Este estudo nasceu de minha prática clínica em Fonoaudiologia, trabalhando na APAE e em consultório, quando senti a necessidade de compreender os significados que o hábito de chupar chupeta representava para as mães e seus filhos, considerando a história e a cultura. Vários momentos e descobertas me fizeram chegar no que este estudo é hoje.

Os profissionais da área de Fonoaudiologia têm enfatizado que a chupeta é prejudicial à criança, pensando nas alterações que ela pode acarretar para os dentes, língua e a fala.

No início deste estudo minha preocupação era justamente com a retirada do hábito de chupeta, e principiei com uma conversa com os pais e professores para realizar um trabalho com a proposta de ajudá-los na retirada desse hábito de seus filhos e alunos. Esta proposta foi apoiada por eles que indicaram inclusive uma expectativa neste sentido.

No decorrer do trabalho desenvolvido, fui percebendo o forte significado da chupeta para a relação estabelecida entre Mãe X criança X grupo social e acabei mudando o foco de minha análise e descobrindo nessas relações outros significados que me permitiram repensar concepções e atuações dos profissionais das áreas fonoaudiologia e odontologia.

Questionei-me sobre o que representava para as mães e crianças o uso da chupeta e posteriormente a retirada deste hábito. Interessava-me saber com quais sentimentos estava lidando, e quais as influências culturais perpassavam esta relação.

Depois de um longo caminho estudando as alterações orgânicas que permeiam o hábito de sucção de chupeta e de um aprofundamento nos estudos da psicanálise com Winnicott e a relação mãe x bebê, finalmente optei por discutir neste trabalho as marcas culturais do uso da chupeta reveladas nos dizeres e contradições da relação mãe x criança

De um lado estava a fonoaudiologia, a odontologia e a medicina pensando de forma orgânica sobre a chupeta e seus malefícios e de outro, a relação da mãe com a criança construída nas interações sociais e culturais que as envolvem.

O estudo desenvolvido é apresentado em seis capítulos que mostram o embasamento teórico e o caminho percorrido durante a realização do estudo.

No capítulo 1, apresento autores tanto da fonoaudiologia como da odontologia que discutem sobre os malefícios da chupeta para a arcada dentária, e as funções que compõem o sistema estomatognático, com o objetivo de mostrar ao leitor essa visão orgânica a que me refiro no decorrer desta pesquisa.

Em seguida, no capítulo 2, discuto o conceito de cultura, tendo como referencial teórico L.S. Vigotski e seus seguidores, mais especificamente Angel Pino, que trás contribuições sobre o nascimento cultural da criança discutindo o homem como obra da natureza e como transformador desta natureza. Esta fundamentação teórica permite um novo olhar sobre o uso da chupeta.

Buscando situar o leitor no tempo e na história, focalizo no capítulo 3 a história do aparecimento da chupeta, e a historia da amamentação juntamente com a industrialização do leite e sua relação com a sucção de chupeta.

No capítulo 4 apresento o caminho que percorri no decorrer da pesquisa e a metodologia utilizada para a construção dos dados.

Exponho no capítulo 5, as análises realizadas a partir de Unidades Temáticas escolhidas para a discussão e reflexão sobre os dizeres e contradições revelados pelas mães e crianças nos grupos de discussão.

Finalmente, no capítulo 6, reflito sobre a sucção de chupeta sob um novo olhar possibilitado pela teoria, que leva em conta a história, a cultura e as relações mãe X Criança, promovendo reflexões aos profissionais da Saúde e Educação com relação às possíveis intervenções no que se refere ao abandono da chupeta.

CAPÍTULO 1

SUCÇÃO DE CHUPETA: O QUE DIZEM A ODONTOLOGIA E A FONOAUDIOLOGIA?

A história da atuação fonoaudiológica na área da motricidade oral iniciou-se pela necessidade dos dentistas em terem um profissional que trabalhasse com exercícios funcionais, para que os pacientes não tivessem recidivas em seus tratamentos ortodônticos. Isso explica a interação entre dentistas e fonoaudiólogos, e porque a literatura fonoaudiológica ligada ao hábito de chupeta apresenta uma visão emprestada da odontologia no que se refere à etiologia dos hábitos e a intervenção na retirada deles.

Pesquisando os hábitos de sucção, especificamente da chupeta, objeto de estudo dessa pesquisa, pude constatar a visão de vários autores sobre: a etiologia da sucção não nutritiva, os danos causados para a oclusão e, algumas informações de como retirar esse hábito evitando alterações oclusais posteriores.

Considerarei importante dedicar um capítulo aos estudos produzidos por dentistas e fonoaudiólogos, uma vez que são esses profissionais responsáveis pela maioria dos estudos realizados.

O leitor verá que foram incluídos neste capítulo vários tipos de sucção não nutritiva como: mamadeira, dedo e outros hábitos que não são objetos deste estudo, mas que ajudam a compreender o foco na Sucção de Chupeta.

Procurei selecionar autores que discutem as alterações e conseqüências que a chupeta acarreta para a oclusão, mas que também indicam procedimentos a serem adotados com as crianças que usam chupeta. Assim, é possível se ter uma visão das concepções e embasamentos teóricos que norteiam tais estudos. Observaremos no decorrer da leitura que cada autor aqui pesquisado, utiliza diferentes termos para falar do hábito de sucção de chupeta como: hábito deletério, sucção não nutritiva, hábitos nocivos.

Vários autores enfatizam problemas de má oclusão e deformidades dentárias decorrentes de hábitos de sucção nocivos na infância. Para Guedes (1985) os hábitos mais comuns entre as crianças são a sucção de dedo e chupeta que causam problemas de má oclusão, como a mordida aberta e as deglutições atípicas. Da mesma forma, Rossi (1986) ressalta que as etiologias das maloclusões são fatores ambientais e em certos

casos tem sua ocorrência tardia em função de certos fatores do meio ambiente dentre os quais se incluem principalmente hábitos relacionados à cavidade oral. Salienta que entre os hábitos destacam-se a sucção de polegares, ou o uso prolongado da chupeta, a interposição de objetos entre os dentes e a onicofagia (hábito de roer unhas).

A má oclusão é atribuída pelos autores à presença do hábito de sucção de chupeta e dedo, durante o período da dentadura decídua que parece produzir efeitos nocivos, principalmente, sobre a oclusão dos segundos molares e caninos (PRADO, 1990)

Canongia (1989), diz que o uso prolongado da chupeta pode acarretar a deformidade dos dentes e das arcadas, além de impedir que a ponta da língua se posicione na papila, de forma que a deglutição não se realize corretamente. Destaca ainda, que a criança fica impedida de desenvolver sua linguagem oral, tanto a nível articulatório, quanto a nível lingüístico.

Buscando explicar o uso da chupeta, Rossi (1986) afirma que a chupeta é usada como forma de perpetuar a fase oral do desenvolvimento psicológico infantil. Além disso, o uso de chupeta leva a criação de mordida aberta anterior e deglutição atípica.

Moresca (1992) discorre sobre a etiologia dos hábitos orais atribuindo-a a uma carência no número de sucções que a criança normalmente faria no mamilo. Destaca que a mamadeira oferece o volume de leite suficiente para se atingir a plenitude alimentar, mas a necessidade de fazer sucção persiste e se acentua gradativamente. A criança na ânsia de se satisfazer começa a sucção da mão toda e só irá dormir quando se sentir satisfeita nos aspectos emocionais.

Segundo Lino (1994), para a retirada do hábito de chupeta deve-se, evitar as ameaças, imposições, medo na criança. Profitt (1995) considera que praticamente todos os lactentes modernos iniciam de alguma forma o hábito de sucção não nutritiva. Tem-se relatado que alguns fetos têm os seus polegares sugados dentro do útero, a vasta maioria dos recém nascidos o faz no período de 6 meses a 2 anos ou mais de vida, Esta prática é culturalmente determinada em alguma extensão, desde que as crianças em grupos primitivos que tem pronto acesso ao seio materno por um período de tempo raramente sugam qualquer outro objeto.

Pinkhan et al (1996), ressaltam que os hábitos que mais chamam a atenção na criança são os de sucção de dedo e chupeta. Esses autores ressaltam que o hábito tem

relação direta com a amamentação no peito ou na mamadeira sedo que, a persistência desses hábitos pode causar alterações de oclusão. Crianças que mamam no peito por mais tempo têm menor possibilidade de pegar a chupeta e sugar o dedo, quando comparado com crianças que usam a mamadeira. Para esses autores os profissionais devem alertar os pais de que até os 2 anos de idade os hábitos de sucção podem fazer parte da vida da criança, pois elas estão na fase oral de desenvolvimento. Sugestão noturna - Consiste na utilização da fala durante o sono profundo com o objetivo de atingir o subconsciente. Nessa técnica a frase usada é: A chupeta estraga os dentes... Outro componente é não mencionar o uso de chupeta durante o dia.

Toledo (1996) considera os hábitos bucais nocivos como motivo de agitação na atmosfera familiar e despertam a atenção de todos aqueles que têm uma parcela de responsabilidade sobre a saúde da criança. Com relação à retirada do hábito esse autor ressalta que é necessário esperar o momento oportuno que varia de indivíduo para indivíduo, de acordo com o desenvolvimento da criança e a gravidade do hábito. Pode-se ter como norma, contudo, que se um hábito de sucção se prolongar além dos quatro anos de idade, é aconselhável avaliar a necessidade do tratamento.

Para Seixas (1998) a mãe substitui amamentação pelo aleitamento com a mamadeira. O bico da mamadeira não tendo a perfuração calibrada, irá deixar passar um fluxo bem superior de leite ao peito materno. Com isso, raramente a criança tem sensação de plenitude alimentar, não satisfazendo os aspectos psico-emocionais. Assim a criança resolve esse problema por si só, fazendo a sucção dos dedos, ou então, lhe é oferecida a chupeta, sendo esse hábito um escape para o déficit de sucções. Assim a criança está satisfeita no aspecto nutricional e no aspecto emocional.

Serra Negra (2000) em seus trabalhos realizou uma revisão da literatura á respeito dos métodos disponíveis para a descontinuidade dos hábitos de sucção não nutritiva visando orientar os profissionais que lidam com crianças. Inicialmente, discutem algumas considerações sobre os hábitos orais deletérios tais como: fatores etiológicos, a influência na harmonia do desenvolvimento craniofacial e da arcada dentária e fatores psico-afetivos, para então discutir os métodos terapêuticos propostos para retirada do hábito.

Portanto em seus estudos, Serra Negra (2000) concluiu que:

- O estímulo ao aleitamento materno previne a instalação de hábitos orais viciosos;
- Os hábitos de sucção não nutritiva podem estar ligados á fatores psico- afetivos;
- Há controvérsias entre os autores quanto ao tempo ideal de persistência do hábito de sucção não nutritiva, mas, estes são unânimes em recomendar a retirada precoce do hábito.
- No tratamento deve-se conscientizar a família;
- Não é recomendada atitude punitiva, pois não buscam a raiz dos problemas;
- Aparelhos ortodônticos utilizados como “lembretes” podem ser eficazes, mas, precisa que haja um trabalho conjunto com a família e o paciente;
- E por último, a importância de um trabalho conjunto com o envolvimento de dentistas, médicos, psicólogos, e fonoaudiólogos para a retirada do hábito de sucção não nutritiva.

Ribeiro (2001); realizou um estudo, que discute aspectos psicológicos do ato de sucção não nutritiva do paciente vinculando a uma abordagem multidisciplinar, gerando intercâmbio de informações entre os profissionais. Assim, a abordagem na definição do plano de tratamento deve envolver ortodontistas, odontopediatras, psicólogos e fonoaudiólogos, buscando a melhor terapêutica para o abandono do hábito e controle dos efeitos deletérios. Para estes autores, conhecimentos básicos sobre os aspectos psicológicos dos hábitos bucais podem aprimorar a comunicação multidisciplinar e auxiliar ortodontistas e odontopediatras no aconselhamento aos pais e à criança, bem como na escolha do melhor momento de iniciar a remoção do hábito com aparelhagem ortodôntica.

Segundo Hanson & Barret (1995), a etiologia dos hábitos orais deve ser buscada na primeira infância e as possíveis causas dos hábitos orais podem ser divididas em três categorias: Fisiológicas, emocionais e de aprendizado condicionado.

Nas causas fisiológicas pode-se ressaltar hipertrofia de adenóides, desvio de septo, conchas nasais intumescidas, pólipos nasais e outros fatores fisiológicos costumam levar a respiração bucal, um hábito indesejável, e um importante fator de deglutição atípica.

As causas emocionais segundo Hanson & Barret (1995) são as que perpetuam os hábitos orais deletérios. Qualquer situação de estímulo que perturbe o senso de

segurança ou o senso de estima da criança pode produzir tensões que resultam em hábitos orais. Como-

- Cobrança excessiva dos pais com relação à limpeza, comportamento maduro e aceitação de responsabilidades;
- Inconstância no comportamento dos pais os entre estes;
- Nascimento de um irmão;
- Grau excessivamente alto de negativismo com relação às informações verbais ou não verbais prestadas pelos pais;
- Implicâncias, críticas ou abuso físico dos irmãos;
- Rejeição dos pais, irmãos e amigos;
- Inibição forçada das vias normais de expressão por ansiedades e medos;
- Separação freqüente ou prolongada de um dos pais ou de ambos.
- Freqüentes mudanças de um lugar para o outro.

Os autores acreditam que os hábitos orais podem ser comportamentos aprendidos por acaso. Uma ação pode ser repetida tanto para criar um estado emocional ou fisiológico desejado, como evitar um estímulo não desejado ou para consolidar algo que se quer.

Sobre a eliminação do hábito os autores acreditam que o paciente precisa ter *confiança* no terapeuta (fonoaudiólogo) em ajudá-lo a deixar o hábito, criando um vínculo sadio com o paciente.

Logo depois os autores sugerem algumas técnicas para a retirada de hábitos orais levando em conta, os efeitos emocionais possivelmente resultantes da interferência nos hábitos de sucção.

Estes acreditam que não funciona com crianças o que eles chamam de “suborno”, onde se costuma negociar com a criança a retirada do hábito com algo que ela goste muito (um presente) e nem a punição. Para os autores o trabalho de retirada do hábito, deve envolver os pais, o terapeuta e a criança para estudarem a melhor forma de ajudar a

criança na retirada do hábito. Os autores sugerem usar parafina e fita adesiva no dedo para que a criança não chupe nem os dedos. Sugere-se também um calendário marcando quando chupou e quando não chupou a chupeta, reforçando o envolvimento pessoal da criança. (HANSON & BARRET, 1995).

Junqueira (1999), ressalta que a sucção proporciona prazer e acalma o bebê. Alguns bebês mesmo depois de serem amamentados, sentem necessidade de sugar. A autora sugere que seja oferecida a criança a chupeta ortodôntica e é importante que os pais não ofereçam a chupeta em qualquer momento de desconforto como forma de acalmá-lo para que não sirva como apoio emocional a criança. Para a autora após os 2 anos a chupeta não tem função nenhuma e não serve para atrapalhar o alinhamento dos dentes, causar flacidez da musculatura facial, impedir a movimentação da língua durante a fala e favorecer a respiração bucal. Assim quanto maior a duração, frequência e intensidade com que a criança utiliza os hábitos bucais, maior serão as alterações. A autora sugere: - Retirar a chupeta quando o bebê adormecer e parar de sugar, assim a chupeta não ficará na boca sem função e se tornará um hábito. - Quando a criança começar a ficar acordada por um tempo maior do dia, brincando com as mãos e brinquedos, é conveniente não usar a chupeta. Deixe-a somente para os momentos de cansaço e sono. Deste modo espera-se que a chupeta seja aos poucos excluída da vida da criança.

Para Lopes e Ganzález (2000), a sucção é uma necessidade do bebê, que se sacia por meio da alimentação materna ou mamadeira. Para as autoras a chupeta estimula a sucção. As mesmas sugerem chupetas ortodônticas afins de só serem usadas à noite para satisfazer a necessidade de sugar e cansar a musculatura.

A idade adequada para o abandono desse hábito depende de cada criança e do momento emocional pelo qual esteja passando. Assim os adultos devem se colocar no lugar da criança a fim de que ela supere essa etapa, pois a sucção muitas vezes está ligada a fatores emocionais e afetivos.

Munhoz (2002) acredita que o desenvolvimento do crânio e da face da criança se dá mediante a estimulação dos músculos e o crescimento dos ossos. Nos primeiros meses de vida, a manutenção da amamentação natural favorece o equilíbrio da musculatura da boca e da arcada dentária. Assim quando a criança usa a chupeta, satisfaz a necessidade que tem de sugar acalmá-la, sendo usada como um estímulo por tempo determinado.

Para algumas crianças essa necessidade de sugar é maior do que em outras. O importante é não deixar o hábito virar vício.

A autora sugere que o hábito deve ser retirado, não de forma invasiva e drástica, mas gradual, considerando que o uso da chupeta é um hábito de significado emocional que envolve todo o contexto familiar da criança. Assim deve-se respeitar o uso e não estimulá-lo limitando-se apenas na hora de dormir e não o dia todo. Para Munhoz, as crianças devem ser orientadas a substituir a chupeta e a mamadeira pela alimentação e mastigação, enfocando-se o desenvolvimento dos órgãos responsáveis pela fala. Também se destaca a importância do abandono da chupeta com o crescimento saudável dos dentes, assim como são destacadas também, a importância da mastigação e a escovação dos dentes. A autora sugere um trabalho com música e conscientização das crianças para a retirada do hábito.

A partir dos estudos apresentados pode-se constatar os malefícios causados pelo uso da chupeta, apontados pelos profissionais da área da saúde, principalmente dentistas e fonoaudiólogos. As pesquisas que já foram realizadas retratam as alterações que a chupeta acarreta para a oclusão e para os órgãos fonoarticulatórios enfatizando os problemas anatômicos e suas consequências para o funcionamento do sistema estomatognático.

CAPÍTULO 2

CULTURA - VIGOTSKI E A NATUREZA CULTURAL DA CRIANÇA

Nessa discussão sobre como a cultura está relacionada com a sucção da chupeta em nossa sociedade, achei importante num primeiro momento, considerar o que significa cultura, que do ponto de vista etimológico significa “trabalhar na terra”, que nos remete ao campo da *produção* humana, mas que pode ganhar significados específicos dependendo da área do conhecimento e aprofundamento.

A abordagem pela qual me identifico desde a minha graduação e que me dá a luz para compreender as relações sociais e de, como a cultura é produto dessas relações, é a abordagem histórico cultural proposta por L. S. Vigotski e seus seguidores.

Nesta abordagem considera-se que as relações sociais constituem a gênese de todas as funções individuais, que se originam das formas de vida coletiva e das interações reais entre as pessoas. O desenvolvimento é, portanto, produto cultural.

Na perspectiva de Vigotski (2000), cultura é uma prática social que nasce das relações sociais e do produto do trabalho do homem. Cultura é a totalidade das produções humanas: técnicas, artísticas, científicas, das tradições institucionais sociais e das práticas sociais. Assim, podemos afirmar que pertencemos a uma história humana construída culturalmente através das gerações. Somos o que somos a partir das relações sociais estabelecidas com os outros pertencentes ao nosso grupo.

Pino (2005), em seu estudo sobre as origens da constituição cultural da criança, descreve dois nascimentos que acontecem na vida do ser humano: “... O nascimento natural que é regido por mecanismos biológicos, e o nascimento cultural que é regido pelas leis históricas...”(p.34). Para o autor o homem é a única espécie de que se tem notícia que consegue transformar a natureza para criar seu próprio meio. Assim, as funções biológicas transformam-se pela ação da cultura as funções culturais é que irão definir a especificidade humana. Isso ocorre como resultado da inserção progressiva da criança no meio cultural através da mediação do Outro. Vigotski se refere a esse processo como “mediação semiótica”.(p.37)

O termo mediação semiótica é usado para explicar a relação entre o mundo da biologia e o mundo da cultura, o mundo da natureza em si e da natureza para o homem. O mecanismo da “mediação semiótica” opera como *conversor* que permite a transposição de planos das funções humanas. Assim, os sinais procedentes do mundo externo são transformados para o mundo interno do cérebro. Da mesma maneira, também os *signos* permitem transformar o que alheio à criança, os modos de falar, agir de pensar, em algo que lhe seja próprio, sem deixar de ser próprio dos outros.(PINO, 2005 p.160)

Pino (2005) ressalta que signo realiza isso porque não é um mero veículo ou canal de *significação* como tem entendido a teoria clássica da comunicação, mas, seu *conversor*, ou seja, aquilo que permite que as significações culturais possam ser incorporadas por cada pessoa, adquirindo suas peculiaridades e fazendo delas “significações sociais”, algo que é compartilhado por todos, sem confundir isto com qualquer forma de homogeneização.(p160)

A Mediação Semiótica permite que a criança aproprie-se do saber humano e que seja capaz de interpretar o mundo dando-lhes condições para se comunicar com os outros.

Dizer que o desenvolvimento da criança é um fenômeno de natureza cultural pressupõe pelo menos duas coisas: contar com o equipamento biogenético e neurológico da espécie, o qual como já disse, leva as marcas da cultura e abre o acesso a ela, e conviver com os outros homens.

Ao nascer, a criança já dispõe desse equipamento, o que lhe confere a aptidão para a cultura, mas a sua convivência com os homens está apenas começando. Para o autor é inegável o fato de que a simples expectativa do nascimento de uma criança mexe profundamente o mundo das relações sociais no âmbito do grupo familiar, o que permite afirmar que no imaginário social, antes mesmo de nascer, já ocupa um lugar na sociedade humana, estando sua existência atrelada às condições reais de existência que lhe oferecerá seu meio cultural. (PINO, 2005).

O nascimento cultural da criança começa quando as coisas que a rodeiam (objetos, pessoas e situações) e suas próprias ações naturais começam a adquirir significações para ela porque, primeiro tiveram significações para o Outro. Para Pino (2005) o desenvolvimento cultural, de natureza simbólica, só pode ocorrer graça à mediação do

Outro. Nisto ninguém é totalmente auto-suficiente a ponto de poder prescindir do Outro. Essa é a grande diferença que existe entre o desenvolvimento cultural e o biológico permitindo pensar na existência do duplo nascimento, por mais estranho que isso possa parecer. Isso quer dizer que diferentemente do que ocorre no nascimento biológico no qual o Outro (mãe) é mero intermediário na cadeia da produção da vida, no nascimento cultural o Outro é guia e monitor da criança, não um agente de produção de cultura. Esta já existe no plano social e deve passar a existir no plano pessoal. É nesse processo que a mediação do Outro como, detentor da significação, é essencial, mesmo se a criança é o agente desse processo.

Pino (2005) ainda discorre que em termos gerais, por meio cultural, próprio da espécie *sapiens*, entende-se a totalidade das condições de existência criadas pelos homens ao longo da história de cada povo. Entre essas condições destaca-se, sem dúvida a peculiaridade do sistema de relações sociais que define a convivência humana de cada povo em cada época histórica, uma vez que dessas relações depende, de maneira eminente, o futuro dessas comunidades humanas e dos seus integrantes. Em termos mais restritos por meio cultural entende-se o conjunto de condições reais de existência que cada grupo familiar restrito ou ampliado oferece aos seus membros. Sabe-se por experiência quão variáveis são essas condições nas sociedades modernas, devido, não a uma suposta ordem natural, como tentam nos convencer certas ideologias, mas a uma ordem social construída por decisões humanas tomadas, via de regra, por grupos detentores do poder em função de seus interesses. Ainda para o autor a história humana em geral é feita de relações sociais conflituosas produzidas por sistemas sociais geradores de desigualdades entre os homens (sociais e econômicas) que afetam desde o berço. Desigualdades que determinam, em grande medida, as possibilidades que cada um deles tem de acesso aos bens culturais, materiais e espirituais, necessários para sua existência humana.

Na medida em que a cultura é o conjunto de obras humanas e o específico dessas obras é a sua significação, o desenvolvimento cultural da criança é o processo pelo qual ela deverá apropriar-se, pouco a pouco, nos limites de suas possibilidades reais e das significações atribuídas pelos homens às coisas (mundo, existência e condições de existência humana). Mas o desenvolvimento cultural está comprometido se ela não tiver também acesso aos bens materiais produzidos pelos homens e que são portadores dessa significação. Exemplos concretos desses bens constitutivos das condições de existência

humana podem ser citados-: as condições de moradia de higiene e de alimentação que o desenvolvimento científico e tecnológico tornou possível adquiriram nas sociedades modernas significações tão grandes que se tornaram valores essenciais da vida humana.

A sensorialidade e a motricidade, que vão se articulando progressivamente ao longo dos primeiros meses de vida, permitem a criança expressar suas necessidades por meio de movimentos que ao serem interpretados pelo Outro (em particular a mãe) como sinais dessas necessidades, se transformam em atos significativos, mesmo se a criança ainda o ignora. Cria-se dessa forma um primeiro circuito de comunicação gestual que modelará as primeiras relações da criança com o Outro.

É por intermédio desse circuito inicial de comunicação, o qual irá ampliando-se cada vez mais, que a criança é introduzida de forma progressiva ao universo cultural dos homens; um universo que funciona com formas muito mais complexas de comunicação - expressão, como é o caso da fala. Assim os intercâmbios da criança com o meio cultural tornar-se-ão cada vez mais intensos, permitindo-lhe uma progressiva apropriação da cultura.

Assim na realidade da história social parece normal ver o desenvolvimento da criança como um processo de transformação, mediado pelo outro, na sua condição de ser biológico num ser cultural, ou seja, um ser semelhante aos outros homens. Isso supõe duas condições fundamentais segundo Pino (2005) - que no momento do nascimento, a criança possua equipamento genético e neurológico da espécie, o que no princípio, é garantido pela natureza na própria gestação - e que com a ajuda do Outro, integre-se progressivamente, nas práticas sociais do seu grupo cultural.

À partir desse raciocínio, pode-se supor que se a ação biológica se transforma pela ação da cultura, o uso da chupeta, objeto de estudo desta pesquisa, nada mais é do que uma criação cultural.

A criança, quando nasce, não conhece a chupeta. Suga para se alimentar e obter prazer. Quando está com fome, ou está com algum desconforto, chora como forma de comunicação para anunciar que algo não está bem com ela.

A mãe por sua vez, a fim de cessar o desconforto do filho faz uso da chupeta (fruto da cultura) para acalmar seu bebê. Dessa forma a chupeta fica fazendo parte da vida da criança, ou seja, da sua cultura, através da mediação do outro.

Pode-se entender a chupeta, como parte do universo cultural de vários povos da atualidade. Elas estão presentes nos brinquedos das crianças, nos supermercados e farmácias. Suas formas e cores com personagens atraem o público infantil e através da mediação do Outro ela passa a fazer parte da vida da criança que se apropria desse instrumento.

Este capítulo trouxe uma contribuição importante sobre a sucção de chupeta, pois a perspectiva histórico-cultural, permitiu um novo olhar para a relação mãe X criança estabelecidas através da chupeta.

Como vimos a cultura e a história social de cada sujeito, (no caso mães e crianças) é que nos farão entender melhor a relação entre essa díade e as marcas que a cultura do mediador (mãe) serão estabelecidas nesta relação, já que a criança se apropria da cultura através da mediação do outro e do meio onde vive.

CAPÍTULO 3

A HISTÓRIA DA CHUPETA E DA AMAMENTAÇÃO

O uso da chupeta parece ter pelo menos três mil anos. Embora não existam dados muito precisos sobre a data de seu aparecimento, a literatura médica começa a citá-las a partir do ano de 1473, na mesma época que o pintor Albrecht Durer retrata um bebê com uma chupeta na boca. As chupetas eram geralmente feitas “... de linho grosso, mergulhadas em mel, leite e extrato de papoulas sendo até mesmo mergulhadas em medicamento á base de ópio ou conhaque...”¹

A história da chupeta revela que os malefícios causados por seu uso são apontados desde 1800. Nessa época já se indicava que a chupeta cria deformidades nos dentes e transmite doenças, especialmente por causa do costume das mães de umedecer a chupeta com sua própria saliva. Com relação à forma, as informações obtidas, indicam que a chupeta tomou o formato que tem hoje por volta de 1845 quando se tornou uma alternativa ao dedo

Em 1900, as chupetas foram patenteadas pelos EUA e difundidas ao redor do mundo: *a chupeta foi patenteada como “sugador de bebê” e quando difundida continha um bico de borracha e uma argola.*

O formato e o material usados para confeccionar a chupeta foram se modificando ao longo dos tempos.² Provavelmente os objetivos dessas mudanças eram os mesmos que ainda hoje impulsionam os fabricantes, ou seja, encontrar um modelo de melhor qualidade, mais adaptado às crianças e que tenha mais aceitabilidade no mercado. Outra possibilidade é que os fabricantes procuravam adaptações para combater às advertências realizadas sobre os prejuízos à saúde.

Tem-se notícia de que já em 1909, alguém escreveu no New York Times alertou-se sobre os perigos da chupeta para a saúde dental. Mais recentemente, os fabricantes

¹ Informações retiradas do site http://www.ibfan.org.br/noticia_chupetapolemica.html), (p.2), Acesso em 4/1/2007

² Informações retiradas do site Wikipidea Pacifier History, sobre a história da chupeta, acesso em 4/1/2007

também reagiram às advertências de dentistas e fonoaudiólogos lançando os modernos bicos ortodônticos.³

Neste mesmo site revela-se que na Inglaterra as chupetas foram vistas como algo que as classes mais pobres usariam, e associado com escassez de higiene. Em 1914, um médico de Londres acusou a chupeta de ser uma “falsa teta”, que “Se cai no chão, logo é esfregado na blusa da mãe ou em seu avental, ou sugado pela mãe para então ser introduzido na boca do bebê”. Logo foram fabricadas chupetas com a borracha de cores preta, castanha ou branca, sendo a branca a mais difundida entre elas. Uma das marcas mais conhecidas era a Binki, que se tornou o nome geral chupetas nos EUA. Em 1935, Binki era a marca de chupetas e outros produtos para bebês.

“Calmante” de amarrar-pano: em 1506 chupetas eram um emaranhado de anéis de dentição duros, que também eram os substitutos para os mais macios “açúcar-chapins”, bico-de-açúcar ou trapo-de-açúcar. Escritos em 1873 descreveram um bico-de-açúcar feito com um pedaço de linho velho, com uma porção de açúcar em seu centro. (<http://en.wikipedia.org/wiki/pacifer#history>)

Também no Norte da Europa, foram dados trapos com alimentos em seu centro. Em alguns lugares eram pedaços de carne ou gordura, e em outros uma dose de conhaque. Locais da Alemanha usavam o Lutschbeutel: pano com pão adocicado ou sementes de papoula. Uma Nossa Senhora com um bebê pintado por Durer em 1506 retrata um destas chupetas de trapo-de-açúcar na mão do bebê. Nos idos de 1800, a expressão “nasceu com um mordedor de prata na boca’ poderia ser levada quase que literalmente ao pé da letra. Foram dados a bebês nascidos em famílias ricas mordedores com base de prata. (<http://en.wikipedia.org/wiki/pacifer#history>)

Outros materiais nobres também eram utilizados, como madrepérola ou coral que se pensavam que evitavam doenças. Era tido na época que o coral protegia contra todos os tipos de demônios, e na Inglaterra entre os séculos 17 a 19 também se utilizou marfim ou osso.

Um curador de um museu defendia que estes materiais fossem usados como amuletos mágicos, e que o osso animal simbolizava força para ajudar a criança a conter a dor. (<http://en.wikipedia.org/wiki/pacifer#history>).

³ Informações retiradas da internet, página: <http://en.wikipedia.org/wiki/pacifer#history>

A Amamentação

Falar sobre a amamentação torna-se importante, uma vez que foi a partir do desmame precoce, que a chupeta ocupou um lugar relevante na infância e se tornou uma "aliada" para as mães que se sentiam confortadas quando os seus filhos paravam de chorar. O desmame precoce iniciou-se à partir da industrialização do leite e foi neste momento que a chupeta ganhou sua maior importância.

Assim, algumas considerações sobre a amamentação podem ajudar a compreender porque tantas mães optam pelo desmame precoce de seus bebês, e como a chupeta está ligada com esse desmame.

Devemos considerar que a alimentação de lactentes não está somente ligada às questões de saúde, mas a outros interesses sociais e ideológicos. Podemos afirmar que a amamentação além de ser uma característica biológica, também reflete valores, crenças e características histórico-culturais.

Segundo Almeida & Novak (2004), dependendo da realidade social a ser considerada, a ambigüidade amamentação / desmame pode traduzir-se como um embate entre saúde e doença, entendendo-se que esses possessos se associam em todos os momentos a variáveis econômicas e sociais. A dinâmica dessas relações, no que concerne a questão estrutural, termina por configurar a amamentação como um dos atributos que caracterizam a maternidade como um bem social compartilhado.

Apesar das vantagens que a comunidade científica ressalta sobre a amamentação, existe um conflito entre os resultados de pesquisas científicas sobre o amamentar e de outro a história e a cultura de mães X crianças e, o significado da chupeta para elas.

Pesquisando a história da amamentação encontramos que, nas décadas de 80 e 90 houve uma melhora nos índices de amamentação no Brasil, mas observa-se uma tendência latente ao desmame historicamente presente na sociedade, levando as mulheres a desmamarem seus filhos de forma precoce. Uma das explicações para o desmame se deu em decorrência da estrutura da vida moderna urbana.

A partir de 1981 foi criado o PNIAM (Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno), a fim de resgatar a prática da amamentação natural. Esse

programa de amamentação adotado pelo PNIAM reduzia as questões relativas ao aleitamento materno à dimensão biológica e, ao tratar o paradoxo do desmame, foi incapaz de admitir a assimetria entre os humanos e as demais espécies de mamíferos insistindo que o ato de amamentar deveria ser considerado como instintivo, natural e biológico.

Surgiram muitas discussões com relação ao Programa, pois o mesmo não pensava se a mulher queria, ou podia amamentar, pensava na amamentação de forma biológica.

Almeida (1996) ao indagar sobre a receita para o sucesso da amamentação diz que, antes de tudo a mãe tem que ser acolhida pelo profissional da saúde, ou seja, conforme as palavras do autor, “amamentada” por ele.

No Brasil, a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal contém o que certamente pode ser considerado o primeiro relato sobre a amamentação no Brasil “... com um menino ou uma menina ao colo, atado com um pano, aos peitos...” Silva (1990).

Para os descobridores, o fato das mães indígenas amamentarem seus filhos gerava um estranhamento a eles. Historicamente aí ocorre o primeiro embate cultural sobre a amamentação no Brasil.

Em 1500, o lactente na fase do colo se alimentava basicamente no seio materno, muito embora recebesse da mãe uma massa de grãos de milho, por ela mastigada e pré-digerida pela ptialina. Contudo a índia não estimulava o apetite do filho. A massa de amido era colocada nas mãos do bebê que, por sua vez decidia de levava ou não na boca o alimento que estava ao seu alcance. Uma vez desenvolvida a marcha, a criança passava a se valer da comida dos adultos, sem deixar o peito da mãe.

A ocorrência de desmame precoce se restringia a três situações- morte materna, doença grave da mãe ou nos casos interditados pela cultura. A cultura impedia a amamentação nos casos em que o rebento era considerado indesejável, ou seja, quando se tratava de filhos de inimigos com as mulheres da tribo ou filhos de índias que mantinham relações sexuais com mais de um parceiro.

Assim no Brasil, a amamentação era regra geral entre os índios até a chegada dos europeus, que trouxeram a sua bagagem cultural, o hábito do desmame. Para as mulheres européias daquela época pertencentes a classes sociais dominantes, o amor

materno não tinha valor social moral, fato que as levava a considerar a amamentação uma prática indigna para uma dama. Esse comportamento tendia a ser copiado pelas demais classes como forma de distinção social Badinter (1985). Em Lisboa, a amamentação mercenária era uma prática socialmente instituída, e cabia as camponesas da periferia o aleitamento dos filhos das de classe social dominante.

Portugal transmitiu para o Brasil essa cultura das mães ricas não amamentarem os seus filhos. Logo as índias foram substituídas pelas escravas africanas. Mais tarde, a urbanização ampliou a difusão de amas de leite entre as novas camadas sociais e fez com que surgisse a figura da mãe preta de aluguel (Costa, 1983). A importância atribuída a esse novo ator social assumiu tamanha proporção que alguns senhores de escravos chegaram admitir que criar negras para alugar como amas de leite era mais rentável do que plantar café (Ewbank, 1976).

Essa nova versão do aleitamento mercenário, impregnada de uma estratégia mercantilista foi exercida no Brasil em um momento histórico, muito anterior a chegada dos leites industrializados. É secular, portanto, a tendência de se procurar tirar lucros com práticas em torno do amamentar, estimulando ao desmame.

O século 19 foi marcado, dentre outros aspectos, pela consolidação do novo papel social da medicina, que ampliou o seu domínio para além da preocupação com o corpo. A alimentação, as condições ambientais e o comportamento humano passaram a se configurar em objetos de preocupação médica, na busca de soluções para problemas como a mortalidade infantil. Essa trajetória, desde seu início, foi marcada pela formulação de regras rígidas impostas à família e, sobretudo, à mulher-mãe, no intuito de modular o seu comportamento em favor da saúde da criança.

A medicina higienista se valeu do aleitamento materno como instrumento para se fortalecer junto à sociedade e colonizar progressivamente a família, tornando-a cada vez mais dependente dos agentes educativo-terapêuticos. A amamentação foi construída socialmente a partir de atributos naturais e instintivos, comuns às espécies definidas como mamíferos. Dessa forma, para atender a fins estratégicos, a medicina social fundou a prática da amamentação natural sob a égide do determinismo biológico, desconsiderando propositadamente, em seu favor, a magnitude dos condicionantes socioculturais que permeiam essa prática (ALMEIDA & NOVAK, 2004).

As mudanças nas atividades econômicas do país decorrentes do fim da escravidão formal terminaram por atribuir importância econômica-política ao aleitamento, levando o Estado, pela primeira vez, a se pronunciar em favor da criança pobre. Por ser considerada um poderoso meio de sobrevivência infantil, as autoridades propuseram que a amamentação fosse estimulada junto aos segmentos mais pobres da sociedade, como estratégia de ampliação de mão-de-obra para o capitalismo exportador Almeida (1996).

Por outro lado, as pressões sociais da urbanização e a crescente inserção da mulher pobre no mercado de trabalho teciam um cenário favorável ao desmame. Em meio a essas transformações, foi se desenvolvendo a sociedade de consumo, e, com ela, surgiu a mamadeira, um dos novos símbolos de modernidade e urbanismo (GOLDEMBERG, 1988).

Nessa mesma época, chegaram ao Brasil as primeiras remessas de leite condensado e farinha láctea, importados da Suíça. A mistura desses dois ingredientes, mamadeira e leite industrializado, possibilitaram a configuração de uma alternativa terapêutica para a antiga impossibilidade clínica de amamentar: o leite fraco. Assim, sob a égide do avanço do conhecimento científico, construiu-se a hipogalactia, a nova doença que, além de se transformar numa das principais preocupações para a medicina no início do século 20, configurou-se como o mediador que permitiu a institucionalização do desmame precoce como uma prática sociocultural, sob os auspícios da medicina (ALMEIDA, 1999).

...A industrialização do leite

A propaganda enganosa do leite materno em revistas especializadas, a utilização de profissionais de saúde como promotores de venda no ambiente hospitalar, a publicação de informes técnicos direcionados principalmente a puericultores e a promoção de eventos científicos se configuraram, há até muito pouco tempo, em elementos que compunham a estratégia de *marketing* das empresas. Como resultado, o médico absorveu completamente a idéia de que o leite materno precisava ser complementado, mesmo nas situações em que não se diagnosticava hipogalactia. A prescrição freqüente dos leites industrializados passou a figurar como elemento de profilaxia da desnutrição (GOLDEMBERG, 1988).

A indústria construiu elementos culturais de valorização do leite em pó, introjetados na sociedade brasileira através de estratégias voltadas prioritariamente para os que detinham o poder de prescrever o regime alimentar do lactente: os pediatras. Os novos produtos foram difundidos como resposta às descobertas sobre as necessidades nutricionais, resultantes do avanço do conhecimento científico em relação às peculiaridades do metabolismo da criança. Logo, se o conhecimento científico avançava, a prática diária do puericultor deveria seguir o mesmo caminho. Assim, a indústria se apropriou da ciência da nutrição e, por meio de recortes específicos, criou retóricas e abordagens semióticas para a construção da verdade acerca de seus produtos (ALMEIDA 1999).

As instituições coletivas de solidariedade social, por sua vez, corroboraram a instituição do desmame precoce. O Estado se valeu de suas agências de assistência social e dos centros de saúde para implementar programas de distribuição de leite em pó para a população de baixa renda. As mudanças nas representações sobre o papel da mulher na sociedade, a emancipação feminina, as contradições sobre o trabalho e a vida reprodutiva constituíram outro conjunto de fatores que interferiram simultaneamente no condicionamento sociocultural da amamentação. Esses fatores foram apropriados pela indústria de leites modificados no intuito de embasar socioculturalmente o paradigma do desmame, que norteou a alimentação de lactentes no Brasil até o final dos anos 70.

Portanto, quando a indústria volta sua atenção a infância para proporcionar facilidades à mãe que trabalha fora, surge a *chupeta* a fim de acalmar o bebê e confortar a mãe nos momentos em que a criança chora. A partir daí, a chupeta foi muito bem aceita pelas mães, fazendo parte do enxoval do bebê e estimulando a indústria a criar diferentes cores e formas de chupeta para o consumo.

Percepções sociais... a retomada

O desenvolvimento do PNIAM (Programa Nacional de Incentivo a Amamentação) desencadeou um movimento de valorização da prática da amamentação na sociedade brasileira a partir do início década de 80. A superioridade do aleitamento materno se transformou em unanimidade no meio científico e foi amplamente divulgada para o público em geral por intermédio de campanhas nos meios de comunicação de massa. A

medicina, sobretudo a pediatria, redescobriu as vantagens da amamentação e, sob a égide da ciência, redesenhou o conhecimento com o rigor do método, no intuito de compatibilizar as peculiaridades fisiológicas do metabolismo do lactente com as descobertas acerca das propriedades biológicas ímpares do leite humano. Além dos aspectos nutricionais e imunológicos que beneficiam a criança, as vantagens do aleitamento para mãe, família, sociedade e Estado foram trazidas a relevo e transformadas em instrumento de *marketing* em favor da amamentação (SOUZA 2003).

A mobilização social pró-amamentação constituiu um dos fatores de maior destaque no cenário da promoção do aleitamento materno no Brasil. O PNIAM foi capaz de articular e congregar esforços dos mais diferentes segmentos da sociedade brasileira. Órgãos de governo, sociedades de classe, organizações não-governamentais, empresas privadas, veículos de comunicação de massa e associações comunitárias compuseram uma verdadeira "torre de babel ideológica", conferindo o que havia de mais rico nas ações em favor do aleitamento: o sentido plural (ALMEIDA, 1999).

Com isso, a indústria perdeu o seu tradicional espaço e passou a se defrontar com um crescente estreitamento de mercado. Como não havia mais condições de tentar superar as vantagens da amamentação natural com o endosso da ciência, os fabricantes de leites modificados elegeram um novo nicho mercadológico, construindo socialmente a biologia da excepcionalidade no cenário da amamentação. Essa nova categoria possibilitou a reedição da antiga fórmula "vanguarda científica" no campo da alimentação e nutrição de recém-nascidos. A principal diferença entre os dois modelos, o do desmame comerciogênico, praticado entre as décadas de 40 e 70, e o da excepcionalidade, praticado atualmente, situa-se no sujeito-objeto de construção da "vanguarda científica". O paradigma do desmame comerciogênico contemplava todos os recém-nascidos como potenciais consumidores, enquanto que o modelo da excepcionalidade se volta, em princípio, para aqueles que vivenciam situações particulares, a exemplo da prematuridade e de alergias alimentares. A indústria passou a criar espaços que possibilitassem a construção de verdades supostamente embasadas pela ciência, todas amplamente favoráveis a seus produtos e sugestivamente contrárias à utilização do leite humano (ALMEIDA 1999).

A implementação do Programa Iniciativa Hospital Amigo da Criança no Brasil, a partir de 1992, trouxe um novo fôlego para o aleitamento materno no circuito das políticas

públicas. Apesar das restrições ao modelo, entre as quais a inobservância à hierarquização da rede de saúde no país, há de se ressaltar o fato de essa iniciativa ter incorporado o significado de proteção e apoio à amamentação, superando as formulações que anteriormente só contemplavam aspectos relativos à promoção. Ao se focalizar a amamentação com as lentes da relação promoção-proteção-apoio, tornam-se visíveis os contornos que a caracterizam como um fato social, cuja historicidade revela o equívoco das formulações políticas que a contemplaram como uma prática natural.

Esta nova forma de pensar a amamentação, além de mais abrangente, exige que se estabeleça um novo foco sobre a mulher, que não pode continuar a ser tratada como sinônimo de mãe-nutriz, responsável pelo êxito da amamentação e culpada pelo desmame. O desafio da construção de um modelo que possa responder a essa demanda, contextualizando as questões da amamentação às circunstâncias decorrentes da pós-modernidade, passa obrigatoriamente pela capacidade de compatibilizar os determinantes biológicos com os condicionantes socioculturais, os quais configuram a amamentação como uma categoria híbrida entre a natureza e a cultura (ALMEIDA & NOVAK, 2004).

O estudo a seguir relaciona o uso de chupeta com o desmame precoce, ressaltando que a criança confunde os bicos da chupeta (látex e silicone) com o peito da mãe e dessa forma desmama precocemente.

Calisti et al.(1960) mostram consenso em afirmar que as deformidades dentofaciais podem ocorrer em diferentes graus dependendo da freqüência, duração e intensidades da sucção da chupeta, da resistência ao deslocamento das estruturas orais e da tonicidade muscular de cada indivíduo. O autor ainda afirma que os bebês que precisam da chupeta para satisfazer a necessidade de sucção, diminuem o tempo no seio materno ocorrendo o desmame. Mesmo sendo necessária em algumas circunstâncias, o uso da chupeta esta pode tornar-se um substituto das mamadas, além de interferir na relação de oferta e demanda do leite.

É importante ressaltar que na literatura da fonoaudiologia e odontologia, muitos estudos relacionam o uso da chupeta com desmame precoce ficando marcada essa relação em nossa cultura na área da saúde. Essa afirmação levou os profissionais de saúde a olharem para a chupeta de forma negativa.

Partindo dessa preocupação com o desmame, os profissionais de saúde juntamente com toda a sociedade e com o apoio do UNICEF e OMS, se uniram para defender a amamentação e o não uso da chupeta, usando a mídia através de campanhas de incentivo a amamentação, com o intuito de motivar as mães a amamentarem seus filhos e não lhe oferecerem a chupeta e a mamadeira, evitando o desmame precoce a fim de garantir a saúde física e mental das crianças.

CAPITULO 4

O CAMINHO PERCORRIDO E OS ENCONTROS COM AS MÃES E CRIANÇAS

Para melhor compreender o caminho percorrido neste estudo apresento a seguir, informações sobre como os dados foram sendo construídos no decorrer deste trabalho.

Conforme destaquei anteriormente, observei durante dois anos grupos de mães e de crianças que tinham como finalidade incentivar a retirada dos hábitos de usar chupeta das crianças, fundamentados nos estudos que indicam as conseqüências negativas que este hábito pode causar com relação à problemas de oclusão e alterações de fala. Minha participação nos grupos era ativa e tive a oportunidade de ouvir mães e crianças em seus relatos.

Para analisar os discursos das mães e das crianças, orientei-me pelos pressupostos da pesquisa qualitativa realizada na matriz histórico cultural.

Os grupos

Participaram do estudo um grupo de mais ou menos 15 mães e um de 25 crianças que freqüentavam o pré I da escola Municipal de Educação Infantil.

Devo ressaltar que optei por analisar nessa pesquisa a díade mãe X criança pois é através dessa relação que a criança após o seu nascimento biológico, nasce culturalmente e se apropria desta cultura (mediação do outro- mãe). Dessa forma a chupeta é um objeto que como observei neste estudo, tem uma marca cultural e um significado importante, na relação de mães e crianças analisadas.

- **O Grupo de mães:** Era composto pelas mães das crianças que faziam uso da chupeta. Para análise foram selecionadas as mães de: Vivian, Rafael, Laís, Alex e Camila. Essas mães foram escolhidas devido a maior assiduidade delas nos encontros providos pela pesquisadora.
- **O Grupo de crianças:** era composto por 25 crianças de três a cinco anos que freqüentavam a Educação Infantil e que faziam uso da chupeta e as crianças que

não faziam uso da chupeta, mas freqüentavam a mesma classe do Centro de Educação Infantil. As crianças selecionadas para análise, receberam nomes fictícios sendo eles: Alex, Camila, Bruna, Rafael, Laís e Carlos. Foram eles os escolhidos, devido a maior participação destas crianças nos encontros em sala de aula, providos pela pesquisadora.

- Também fizeram parte deste grupo, a professora da sala de aula (no grupo de crianças) e a pesquisadora (no grupo de mães).

Foram realizados sete encontros 2003 e dez encontros em 2002 com o grupo de mães. Com o grupo de crianças, foram vinte encontros em 2002 e quinze encontros em 2003. Esses números estão relacionados ao total de encontros realizados nestes dois anos de pesquisa. Para análise foram selecionados os dizeres das mães e crianças que mostrassem as marcas culturais, afetividade, e contradições no uso da chupeta.

A escola

A pesquisa de campo foi realizada numa Escola Municipal de Educação Infantil de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

Todos os dados foram disponibilizados pela diretora da escola de Educação Infantil no ano de 2002 quando foi iniciada a pesquisa

A escola tem 695 alunos desde o pré I até 4^o. Série do ensino fundamental e funciona nos períodos vespertinos e matutinos e oferece como atividades aos alunos aulas de: Educação Física, Artes, Aula de Cerâmica, Aulas de Vôlei e Futsal, Informática e o Projeto Escola Intervias (trânsito).

A escolha pela escola aconteceu, pois, a pesquisadora já conhecia os profissionais que trabalhavam lá, e por já ter realizado outro trabalho relacionado à prevenção de alterações na fala e oclusão por hábito de sucção de chupeta nesta escola.

Dinâmica das atividades realizadas

As atividades foram realizadas no período de 2002 -2003 e tinham como objetivo inicial a retirada do hábito de chupar chupeta das crianças envolvidas.

Para obter a informação sobre quantas crianças chupavam chupeta, foi realizado um levantamento, através de questionário formulado pela pesquisadora, enviado aos pais através da professora.

Vide Anexo I.

Na primeira reunião realizada com os pais informei sobre a pesquisa que estaria realizando à partir dos relatos deles e das crianças sobre o uso da chupeta.

Participaram dessa reunião pais e mães das crianças que freqüentavam a escola.

Foi explicado aos pais que todos os encontros com a pesquisadora seriam vídeo – gravados (crianças e mães) para posterior análise, e pediu-se a eles a autorização através de consentimento livre e esclarecido para iniciar a pesquisa.

O trabalho foi realizado uma vez por semana todas as sextas feiras as 15:00 horas, logo após o recreio das crianças. Algumas sextas não eram realizados os encontros em decorrência de feriados ou atividades que as crianças realizavam fora da escola como: passeios em zoológicos, aniversários dos coleguinhas em outros locais...

O objetivo do grupo de crianças foi de conversar sobre o uso da chupeta, com a intenção de fazê-las abandonar este hábito. Para se introduzir o tema com as crianças, elaborei uma história do Sítio do Pica Pau Amarelo (programa infantil exibido pela TV Globo), onde a personagem Narizinho (criada por Monteiro Lobato) chupava chupeta. Foi escolhido o tema do Sítio porque, segundo a professora, as crianças contavam e gostavam das histórias.

No enredo da história introduzi o tema “a retirada da chupeta” pela personagem Narizinho e também apontei os malefícios que a chupeta causava para os dentes e para a fala. Optei por introduzir o tema com uma história sobre a retirada do hábito, para gerar discussão entre as crianças.

Vide Anexo II.

As crianças ouviram a história e participaram das atividades propostas na classe do Pré I, todas as crianças de 3 a 5 anos, independentemente de fazerem uso de chupeta ou não.

Para discussão do tema, explorei a história utilizando as diferentes esferas simbólicas da linguagem como: desenho, música, narratividade, massinha de modelar... Dessa forma, as crianças puderam falar sobre a chupeta sem nenhuma restrição.

Sobre o grupo de mães, este acontecia uma vez por mês, as sextas feiras, devendo ressaltar que, não havia uma periodicidade dos mesmos integrantes (mães), do grupo em um determinado mês para outro. Em 2002 houve um total de 10 sessões com o grupo de mães, e em 2003 de 7 sessões, variando o número de mães em cada sessão.

Os materiais utilizados no trabalho com as crianças foram fantoches dos personagens do "SÍTIO DO PICA PAU AMARELO", com a história do Sítio relacionada ao hábito de sucção de chupeta formulada pela pesquisadora.

Com o grupo de mães ocorreram discussões sobre o tema e trocas de experiências, usando como recurso o desenho em algumas sessões. Os dados construídos com as mães aconteceram nos encontros que tínhamos uma vez ao mês. Nesses encontros as mães puderam falar sobre suas angústias, sobre o que significava a chupeta para elas, e como era difícil retirá-la pois tinha um valor afetivo importante na relação mãe e filho, justificando sempre o uso prolongada da chupeta como a ação calmante que esta provocava.

Pelas características dos objetivos a que me propus, ou seja, analisar os discursos das mães e das crianças no decorrer da realização dos grupos, todas as sessões foram vídeo-gravadas com a filmadora JVC compact VHS e as fitas foram transcritas e analisadas pela pesquisadora.

Procurei, através de uma observação participante, captar indícios, detalhes do relacionamento mãe-criança que permitissem identificar os significados que o uso da chupeta pudesse ter para ambas. Góes (2000) denominou de análise microgenética a vertente que articula o nível microgenético das interações sociais com o exame do funcionamento dialógico - discursivo, salientando, ainda, as propostas de vinculação com as proposições do paradigma semiótico-indiciário.

Esta mesma autora destacou também, o caráter promissor de tais tendências para a investigação da constituição do sujeito, permitindo adensar os estudos dos processos intersubjetivos e expandir as possibilidades de vincular minúcias e indícios de episódios específicos a condições macrossociais, relativas às práticas sociais.

Para melhor analisar os discursos das mães e das crianças, optei por selecionar trechos dos diálogos travados entre mães, crianças e pesquisador e organizá-los em duas Unidades Temáticas:

- 1- Valores culturais e afetividade – foram agrupadas nesta unidade recortes de diálogos ocorridos nos grupos que indicavam manifestações afetivas que revelam as marcas da história e da cultura do grupo social, da mãe e/ou da criança, relacionadas à chupeta.
- 2- Contradições e Consciência dos malefícios do uso da chupeta - nesta unidade foram agrupados os recortes dos diálogos em que os participantes revelavam contradições nos discursos sobre abandonar ou não o uso da chupeta. Também foram reunidos nesta unidade os discursos que revelam a consciência sobre as alterações e malefícios que podem surgir em decorrência do uso da chupeta.

CAPÍTULO 5

O QUE REVELAM OS DADOS

A seguir apresento as unidades temáticas com comentários reflexivos e trechos das falas das mães e das crianças. Procurei discutir separadamente os episódios dentro das Unidades Temáticas propostas, mas, como são temáticas, muitas vezes estão entrelaçadas. Por esse motivo o leitor perceberá que, alguns dizeres podem se relacionar a mais de uma temática.

VALORES CULTURAIS E AFETIVIDADE

Mães e filhos demonstram seus afetos e desafetos nas relações diárias que estabelecem entre si. São relações sutis que vão se desenvolvendo desde o nascimento e que vão significando o mundo para a criança. Assim, os valores culturais e as experiências da história da mãe vão ser transmitidos aos seus filhos nas primeiras interações deles com o mundo.

A criança recebe influência dos costumes e objetos de sua cultura através da mãe e familiares. Na nossa cultura, por exemplo, as crianças dormem em berços, usam roupas para se aquecer, talheres para comer, sapatos para andar. As mães aproximam objetos que a criança quer apanhar, agitam brinquedos que fazem barulho, alimentam-na no seio ou com a mamadeira, usam a chupeta para acalmá-la.

É com a ajuda dos adultos (e de crianças mais experientes) que as crianças assimilam ativamente a história social construída ao longo de milênios. Por isso dizemos que o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive.

Os episódios apresentados a seguir mostram o significado afetivo e cultural que a chupeta representa para as mães e crianças que participaram deste estudo.

Estávamos falando sobre a necessidade de largar a chupeta quando Alex diz:

“- Tia... eu tinha sete chupetas amarradas num crochê que a minha mãe fez, mas agora eu só tenho três, porque a minha mãe ferveu e estragou as chupetas. Quando acabar essas 3 eu paro, que nem a Narizinha né?”

A pesquisadora pergunta para ele:- Quando você acha que vão acabar essas 3 chupetas?

Alex responde - *Ah! Quando eu tiver uns 15 anos.*

Alex revela sua história pessoal em que a mãe fez um crochê com sete chupetas amarradas e mostra sua resistência em abandonar o hábito. A resistência é compreensível uma vez que o hábito foi visivelmente incentivado pela mãe ao oferecer para Alex um crochê com sete chupetas. Por sua vez, esta atitude da mãe deve traduzir suas experiências infantis e transmitem seu carinho pelo filho.

“Rafael não quer largar da chupeta então não fala do trabalho realizado aqui na escola. Evita contar. Adora a chupeta e até conversa com ela. Ele gosta muito da chupeta. Ele sempre perde as chupetas, mas eu compro outra e ele dorme melhor”

“Eu moro no sítio e uma noite ele perdeu a chupeta. Ele chorava tanto que eu fui até a cidade para comprar outra chupeta para ele. Me senti melhor e assim ele dormiu a noite toda”.

No discurso mostrado acima percebemos novamente a demonstração de afetividade da mãe de Rafael que se sente também mais segura ao acalmar o filho com a chupeta. A chupeta nesta relação se mostra como um objeto de afetividade, como um conforto tanto para a mãe quanto para a criança que, para de chorar e dorme melhor com a chupeta.

Incentivado pela mãe que compra as chupetas quando ele perde Rafael também não quer largar a chupeta. Isso mostra claramente como a chupeta é importante na relação mãe X criança e está fazendo parte do desenvolvimento de Rafael. Intervir nesta díade é algo delicado, pois tanto a mãe quanto Rafael, parecem confortáveis com a permanência do hábito.

Não temos registros sobre o discurso de Rafael, pois, era uma criança introvertida e pouco participava nas atividades realizadas pela pesquisadora em sala de aula.

Outro discurso que revela a afetividade e as marcas culturais é o da mãe de Vivian.

“Ah!! Ela adora os fantoches que você traz. Ficou três dias sem chupar a chupeta. Depois deu nervoso nela e eu precisei comprar uma chupeta. Depois que teve isso, ela disse que ia voltar chupara a chupeta mas, não era para eu contar pra ninguém.

Concordei com ela sabe, a minha filha mais velha só largou da chupeta com 7 anos e está tudo bem. Eu também chupei até os sete anos...”

Observamos aqui que o hábito de chupar chupeta tem sua história familiar e que não apresentou problemas suficientes para essa mãe avaliar como algo negativo para a filha. Para ela, provavelmente, seria “aceitável” que Vivian chupasse chupeta até os 7 anos, uma vez que isso já faz parte do histórico da família.

As marcas da cultura e da afetividade aparecem podem ser observadas também no discurso da mãe de Alex que também conta a história das chupetas amarradas no crochê:

‘ Ele chupa chupeta o dia todo quando está em casa. Tem três chupetas mais eu acho que vai largar quando acabarem. Ele conta a história do sítio, os fantoches, diz que adora. Ele falou que queria passar gel no cabelo porque a Tia Raquel lá. ’”

Eu falei pra ele que com cinco anos não vende mais chupeta pra criança. Ofereci R\$ 10,00 pra ele largar da chupeta. Ele disse que não trocava e que o pai dele dava o dinheiro. Ele pede pra eu não ferver a chupeta, pois vai acabando. Ele tinha 11 chupetas amarradas num crochê que eu fiz, agora ele tem só três e falou que depois que acabar as três ele larga.”

Eu deixo as chupetas na geladeira porque ele gosta delas geladinhas. Ele chega da escola, deita no sofá e já pede as chupetas, eu dou para ele descansar um pouco.

Neste trecho vê-se claramente como a história cultural influencia no uso da chupeta por Alex. A mãe realmente fez um crochê para colocar as chupetas do filho como forma de carinho. Provavelmente essa é a maneira de demonstrar carinho transmitida de geração à geração. Para essa mãe a chupeta faz parte da infância e o sentimento que desperta é mais forte do que a informação que recebe sobre os malefícios que o hábito possa causar. “Se a chupeta é ruim, porque minha mãe fez um crochê para amarra-las

ou/ porque ela me deu quando eu era Bebê?” Por isso é tão difícil para a criança se desfazer da chupeta.

O cuidado de deixar as chupetas fervidas e geladinhas na geladeira como ele gosta, reforça ainda mais o uso e transmite o seu carinho pelo filho.

Em um dos encontros realizados propus para as mães que desenhassem o que a chupeta representava para elas e depois pedi que elas explicassem o que haviam desenhado. A mãe de Laís desenhou uma criança chupando chupeta dizendo que achava bonito e uma criança dormindo com chupeta, dizendo que a chupeta fazia com que a criança dormisse melhor.

Sua explicação sobre o desenho mostra a influência cultural e o afeto que se relacionam com o uso da chupeta.

Vide desenho anexo III.

(...)“Eu dei chupeta para minha filha pois acho lindo chupar chupeta. Tranqüiliza a noite para poder dar as mamadas mais calmamente. A criança que chupa chupeta dorme mais tempo e não quer tanto mamar. Eu comprei uma chupeta de cada cor para combinar com as roupinhas dela. Quando ela tinha 2 anos e meio incentivei-a largar pois, como ela é muito vaidosa eu falei que era feio uma mocinha chupar chupeta e aí ela largou. Depois de um tempo ela pediu de novo a chupeta pois disse que estava com saudades. Dei para ela novamente, ela chupou e depois resolveu jogar no lixo.No desenho eu desenhei um nenê chupando chupeta pois acho uma forma de carinho e, desenhei um nenê dormindo, pois ela chupava chupeta a noite”(...).

Para essa mãe dar chupeta para a filha é algo normal, faz parte da cultura e da infância acreditando, que é bonito criança que chupa chupeta, pois diz, que ela comprou uma chupeta de cada cor para combinar com as roupas da filha. Outra revelação deste depoimento, é que ela acredita que a chupeta é uma forma de carinho, pois faz com que a criança durma melhor. Para a mãe a chupeta conforta sua filha. Percebe-se que em nenhum momento essa mãe demonstra desejo de retirar o hábito da filha, pelo contrário, acha bonito criança chupar chupeta e a incentiva a criança a fazer da chupeta um adorno para suas vestimenta.

AS CONTRADIÇÕES E A CONSCIÊNCIA DOS MALEFÍCIOS DO USO DA CHUPETA.

Abandonar ou não o hábito de usar chupeta depende da representação, transmitida de geração para geração, que este hábito tem para as mães e seus filhos. É verdade que vários estudos atualmente revelam os malefícios deste hábito para a saúde da criança, mas isso não parece estar mudando a prática de oferecimento deste artefato, basta observar o grande número de crianças que continuam a usar chupeta.

Em nosso estudo, verificamos que em seus discursos, mães e crianças demonstram as contradições que o tema “usar ou não a chupeta” carrega em si mesmo.

Os malefícios que uso da chupeta acarreta para a oclusão dos dentes para a fala e para as funções que compõe o sistema estomatognático, estão presentes fortemente na literatura odontológica e também fonoaudiológica.

No próprio rótulo da chupeta, está escrito os malefícios que o seu uso pode trazer para a saúde dos dentes e os prejuízos para a fala.

Neste contexto as mães muitas vezes sabem desses malefícios que o uso da chupeta pode acarretar, mas, a necessidade de acalmar e confortar seus filhos se torna maior. Assim a aquisição da chupeta ocorre como uma prática freqüente podendo dizer realmente, que a chupeta faz parte da infância e do enxoval do bebê e, que as mães se sentem confortadas e seguras com o seu uso.

Nesta temática procurei selecionar os episódios em que as mães e crianças revelaram os malefícios que a chupeta pode acarretar para a oclusão dos dentes e/ou para a fala e os dizeres das mães e crianças que mostram os sentimentos contraditórios que vivenciam sob o tema de usar ou não a chupeta

Os episódios a seguir, retirados dos discursos das crianças e mães mostram essas contradições.

Nesta sessão fomos assistir as filmagens na televisão da escola. Logo que eu cheguei Bruna me falou:

“Eu larguei da chupeta, porque meus dentes iam ficar tortos”.

Alex disse:

“Olha Tia, eu passei gel no cabelo porque você ia vir aqui hoje. Mas eu ainda não larguei da chupeta”.

Eu disse a ele que estava lindo de gel no cabelo, e que sobre a chupeta quando ele achasse que estava preparado para largar, com certeza largaria. Percebi que havíamos criado um vínculo importante e que, eu era importante para ele e por isso ele negocia comigo passando gel no cabelo porque ainda, não largou da chupeta.

Ele queria me mostrar que mesmo ainda chupando chupeta, ele se preocupava com o que eu poderia achar dele e por isso, fala do gel, para que eu o elogie também. Fiquei pensando que ele poderia ter pensado: “Olha Tia, da chupeta eu não larguei, mas fiquei bem lindo porque você iria vir hoje...”

Esse episódio me fez pensar muito...

Sobre a Bruna, todos bateram palmas pra ela, incentivando-a nessa retirada. Ela ficou muito feliz e satisfeita.

Nesses depoimentos pode-se constatar que a chupeta é muito importante para essas crianças. Alex fala sobre a dificuldade em largar da chupeta de forma espontânea e sem restrições. Preocupa-se em manter o vínculo criado com a pesquisadora, quando comenta que passou gel no cabelo, mas que ainda, não largou da chupeta. O conflito gerado pela criação dos grupos para retirada do hábito de usar chupeta aparece no comportamento e discurso de Alex. Ao mesmo tempo em que toma conhecimento que a chupeta causa alterações em seus dentes ele luta com o sentimento contraditório, afetivo que o uso da chupeta representa para ele.

Novamente no discurso da mãe de Vivian, podemos perceber contradições. mesmo tempo que quer remover o hábito da filha, o afeto que este artefato representa para ela a faz recuar

“Ah!! Ela adora os fantoches que você traz. Ficou três dias sem chupar a chupeta. Depois deu nervoso nela e eu precisei comprar uma chupeta. Depois que teve isso, ela disse que ia voltar chupar a chupeta mas, não era para eu contar pra ninguém.

Concordei com ela sabe, a minha filha mais velha só largou da chupeta com sete anos e está tudo bem. Eu também chupei até os sete anos...”

Nesse depoimento a mãe até tentou tirar a chupeta, mas, ainda não estava segura que seria o melhor a fazer. Outra vez a contradição aparece aqui. Ela sabe que a chupeta causa alterações nos dentes e até tenta retirar a chupeta de Vivian, mas ela não consegue se libertar dos laços afetivos que a chupeta representa. Quando a criança volta a chupar a chupeta ela encontra na mãe uma conivência, a ponto de pedir para que ela não conte para ninguém. Outro dado importante é que para a mãe que e tem como parâmetro a sua filha mais velha que chupou até os sete anos e a história dela própria, que também fez uso da chupeta até os sete anos. A chupeta para essa mãe é algo que faz parte da infância e da sua cultura e por isso quando chegar a hora que pra ela é os sete anos, a filha irá largar.

Recorte da fala de Vivian, Alex e Bruna-

Após a pesquisadora contar a história com os fantoches do sitio, valorizar o fato da Narizinho ter largado a chupeta, Alex diz:

“Tia, eu acho que eu não estou preparado para largar da minha chupeta. Eu gosto dela... Mas, quando acabar as três que eu tenho lá em casa, amanhã eu largo”.

Vivian também diz:

“Eu também não estou preparada!”.

Bruna fala baixinho:

“Eu não largo porque é gostoso”.

Neste trecho, pode-se perceber o quanto é difícil para estas crianças largarem de suas chupetas. Percebi que o trabalho e as discussões sobre a retirada do hábito mexia com elas, pois até pensavam em largar, mas, o significado cultural dessa chupeta para elas e o “gostoso” de chupar, não permitia que isso acontecesse de imediato. Como está no discurso delas, não se sentiam preparadas para isso, aí o Conflito e a contradição.

A palavra “preparada” aconteceu no discurso das crianças, pois a pesquisadora usava esse termo referindo-se a retirada da chupeta como um processo. Sendo assim, quando eles estivessem seguros eles deixariam a chupeta.

A contradição na fala de Alex quando diz, que gosta da chupeta, mas, que quando acabar as três que ele tem em casa, amanhã ele larga, mostra claramente a contradição entre a afetividade com a chupeta, e o querer me agradar deixando o hábito.

No episódio a seguir, veremos duas temáticas envolvidas nos discursos das crianças, a relação de afeto que Carlos e Camila têm com suas chupetas, e as contradições que isso gera a eles.

Esse dia foi combinado para que as crianças trouxessem a chupeta, para a escola. Combinamos na sessão anterior que a Narizinho viria buscar a chupeta para levar para o Sítio do Pica Pau Amarelo.

Retomamos a história e eu perguntei.

- Quem trouxe a chupeta pra levar para o sítio do Pica-Pau Amarelo?

O Carlos disse: - A Camila trouxe, eu vi quando ela chegou e, pois na bolsa.

Na verdade entendi isso como: Não que ela estivesse resolvido largar, mais perguntei a ela se era isso mesmo ela queria.

- *Eu trouxe Tia. E foi buscar na bolsa.*

Perguntei se mais alguém tinha trazido e Carlos falou:

- *Tia, eu não trouxe porque acho que ainda não estou preparado. Mais amanhã*

eu largo ta? A minha chupeta, não pode ficar sem mim, ela é minha amiga. Eu não posso largar. Os anjos querem que eu chupe chupeta. Só chupo a noite e tomo mamadeira.

Neste dia a criança que tinha trazido a chupeta, deixou a chupeta comigo. Levei a chupeta, mas, deixei o meu telefone com a professora, caso a mãe precisasse e sentisse necessidade em me procurar por causa da chupeta.

Percebi que na verdade Camila não estava certa de que queria largar da chupeta, só queria mostrar pra mim, para a professora e para os colegas que realmente poderia abandonar a chupeta. Ela estava em conflito porque queria mostrar que poderia largar da chupeta, mas ao mesmo tempo, não queria. Por isso fiquei insegura em levar a chupeta embora, mas, levei.

O depoimento de Carlos então, mostra que ele estava certo de que não queria deixar a chupeta, diz até que a chupeta precisa dele e que os anjos querem que chupe chupeta. E ainda para concluir, diz que só chupa a noite querendo me dizer que é só um pouquinho e que não é tão mal assim.

Quando cheguei na classe. Na semana seguinte...

Carlos falou-Tia Raquel a Camila não largou da chupeta, ela mentiu!

Como eu já sabia disso, pois a professora já tinha me comunicado eu disse.

- Tudo bem! Ela não mentiu. Só ainda não está preparada para largar da chupeta. Por isso a Narizinho me pediu para entregar a chupeta novamente para a Camila. Tudo bem?

Todos concordaram inclusive o Carlos.

Camila falou-Tia, eu só chupo minha chupeta um pouquinho, na hora de dormir. Tenho duas chupetas, o bico é gostoso. Quando eu sarar eu largo, mas... Acho que vai demorar em eu sarar.

A pesquisadora falou: *- Tudo bem, quando você achar que é o momento de largar você larga.*

Nesse dia observei que a chupeta era muito importante para a Camila e tinha um significado importante pra ela e que ainda, não estava preparada para abandoná-la. O uso que ela fazia da chupeta era de conforto. Percebi que ela tinha consciência que a chupeta poderia lhe causar malefícios, mas, o fato de chupar chupeta ser “gostoso” lhe causava uma contradição muito grande.

Nos recortes a seguir foi solicitadas as mães que desenhassem sobre o significado da chupeta para elas. Desenhos vide anexo III.

Neste episódio, solicitei às mães que desenhassem sobre o que a chupeta representava a elas. Senti por parte delas, que não sabiam por onde começar. Então expliquei que a chupeta tem um significado para a criança e para elas, podendo ser o mesmo ou outro e que se fosse possível, elas concretizassem esses sentimentos no papel.

Elas questionaram pensando não ser capazes de representar isso, mas logo iniciaram os desenhos. Quando terminaram, pedi a elas que comentassem sobre os desenhos para o grupo.

Selecionei dentre os meus registros o comentário do desenho da mãe de Camila, que era uma criança agitada e fazia uso de chupeta constantemente em casa.

Desenhos **Vide Anexo III.**

(...)“Bom, eu desenhei um coração pois acho que a chupeta é carinho, desenhei também duas meninas pois a chupeta é companheira e desenhei uma cartela de calmante, pois acho que a chupeta acalma a criança. Minha filha chupa desde a maternidade, chupa o dia todo. Sei que a chupeta entorta os dentes mas ela fala que vai largar, só fala...”

Para a mãe de Camila, a chupeta tem a função de companheira, calmante sendo a chupeta uma forma de AMOR. Assim, a mãe não vê a chupeta como um mal, sabe que a uso pode entortar os dentes de sua filha mas, acredita que quando dá a chupeta á sua filha, está dando a acalento, calma, segurança e amor.

Quando a mãe diz que Camila chupa a chupeta desde a maternidade vê-se o significado afetivo da chupeta para essa mãe como **Calmante**, fazendo parte do a infância e do desenvolvimento infantil.

Nesta sessão fomos assistir as filmagens na televisão da escola. Logo que eu cheguei Bruna me falou:

“Eu larguei da chupeta, porque meus dentes iam ficar tortos”.

Alex disse:

“Olha Tia, eu passei gel no cabelo porque você ia vir aqui hoje. Mas eu ainda não larguei da chupeta”.

Novamente neste recorte vê-se a consciência dos malefícios que a chupeta pode acarretar para os dentes e de outro as questões afetivas e as contradições.

Alex sabe que a chupeta pode entortar o seu dentes, pois Bruna em seu discurso, mostra que conseguiu largar da chupeta por esse motivo. Mas Alex como não

quer largar da chupeta ainda, chama minha atenção para o gel em seu cabelo para que eu o elogie também. Neste discurso fica claro sua consciência sobre os malefícios do uso da chupeta.

À medida que eu ia acompanhando os grupos e que registrava os acontecimentos para minha pesquisa fui percebendo que normalmente as mães e as crianças revelavam em seus dizeres marcas históricas e culturais que se contrapunham às orientações e advertências dos profissionais sobre os malefícios causados pelo uso da chupeta

Esses depoimentos me fizeram pensar em como a chupeta é representada socialmente pelas mães e crianças e as contradições que permeiam seu uso.

Paralelamente a esta evidência, vemos contradições do grupo social que por um lado condena o uso da chupeta alegando os malefícios que ela causa, e por outro incentiva seu uso. Estamos certamente diante de interesses políticos e econômicos diversos.

Na TV a contradição se evidencia, pois, de um lado temos os comerciais sobre amamentação que no final ressaltam que a chupeta e a mamadeira contribuem para o desmame e por isso, não devem ser oferecidos para a criança, mas por outro lado, as propagandas de bonecas mostram crianças brincando e colocando chupeta nos brinquedos.

Assim a mídia lança idéias ambíguas sobre saúde e consumo que se refletem nas ações do grupo social.

E neste contexto refletimos: A chupeta faz parte da infância? Porque os profissionais dizem que não é bom dar chupeta para as crianças? Ela acalma a criança e conforta?

Devemos considerar o fato de que cada relação mãe, criança e meio social absorve a mídia e o que a cultura traz sobre a chupeta, de forma particular. Mas o que queremos aqui é discutir sobre essas questões para intervir da melhor forma possível e contribuir para reflexões sobre o tema, não só do ponto de vista orgânico. O conflito entre a história cultural, a afetividade com relação ao uso da chupeta e a marca da chupeta em nossa cultura, sobrepõe as denúncias dos profissionais de saúde com relação aos

malefícios que a chupeta pode vir a trazer a saúde da criança. Sendo assim o olhar do profissional deve ser mais abrangente levando em conta a relação mãe X criança e suas particularidades.

CAPÍTULO 6

OUTRO OLHAR SOBRE A SUCÇÃO DE CHUPETA

O uso da chupeta apresenta um significado importante, tanto para mães que desejam acalmar e confortar seus filhos, como para as crianças que sentem o carinho e a segurança das mães, transmitidos através da chupeta. Além disso, a chupeta é um bem de consumo que tem um preço reduzido e muito acessível à população.

Modesto & Camargo (1998) relatam que a chupeta faz parte do enxoval de todo bebê, referindo ainda que as diferentes marcas, formas, cores e desenhos têm despertado uma atração irresistível para o consumo das mães que acham que o bebê necessita da chupeta para se manter tranqüilo.

Silva (1994) discorre que desde o nascimento do filho a mãe passa por um processo de aprendizado em relação a compreender a sua linguagem. Ela age e reage, na sua interação com o recém-nascido, atribuindo assim significado ao choro e demais manifestações da criança. Dessa forma, essa mãe pode interpretar esses comportamentos de acordo com suas vivências e sua cultura. Assim a criança vai se apropriando da cultura a partir da relação que ela estabelece com o outro e com o meio social em que está inserida.

Os dados obtidos neste estudo são corroborados por Sertório & Silva (2005). Estes autores realizaram um estudo sobre a visão das mães com relação ao uso da chupeta e concluíram que, existe uma representação social sobre a chupeta que, pode ser usada como explicação causal para o comportamento e para a ação das mães na oferta desse artefato aos filhos. Relatam que é possível compreender a relação simbólica estabelecida entre a chupeta e a imagem do recém-nascido e a antecipação de propiciar conforto à criança e a mãe que cuida do filho. Dessa forma, para os autores deve-se valorizar o conhecimento das atitudes maternas, relativas à sua experiência de amamentar, por parecer que é nesse contexto que a chupeta se insere. O estudo também sugere que se deve aprofundar e conhecer efetivamente os efeitos do uso da chupeta na saúde e no comportamento da criança. Por outro lado indicam a necessidade de desenvolver um modelo assistencial que contemple e acolha as necessidades maternas de sentir-se segura em cuidar do filho.

O significado afetivo e cultural do uso da chupeta, transmitido de geração em geração, provoca conflitos quando se anunciam os prejuízos que podem causar para a saúde das crianças.

A convivência da mãe com pessoas muito próximas que podem ser (mãe, tia vizinha uma amiga), que utilizaram a chupeta para cuidar de seus filhos e, a indicam frente ao argumento de que a criança fica mais calma, contribui para reforçar a representação materna de que a chupeta poderá trazer benefícios também para seu bebê. A mãe fica preocupada com o choro da criança e o desejo de vê-lo tranquilo é mais forte.

Além disso, a mídia e a indústria incentivam o uso da chupeta, uma vez que esta gera lucros. Mas por outro lado, acabam envolvendo-se em campanhas políticas que a condenam como é o caso das campanhas que incentivam o aleitamento materno.

Essa estratégia tem sua fundamentação na filosofia do incentivo a amamentação que norteia a Iniciativa do Hospital Amigo da Criança (IHAC), em que, são adotados os princípios dos “Dez Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno”. Entre eles, o nono, proíbe o uso da chupeta pelas crianças atendidas nas instituições que seguem este programa.

Conforme relatado por Paz et al (2002), a expressiva quantidade de crianças que costumam usar chupeta, mesmo as mães recebendo orientação, de uma instituição hospitalar, sobre a importância de não oferecer a chupeta é um dado para reflexão.

As chupetas são comercializadas das formas mais atrativas possíveis, com formatos, cores e tipos diferentes e são encontradas facilmente em supermercados e farmácias. Chupetas com bicos de látex, silicone bicos ortodônticos e para idades estipuladas nas embalagens.

Mas no rótulo da chupeta, é obrigatório estar escrito como informação:

O Ministério da Saúde adverte:

A criança que mama no peito não necessita de mamadeira, bico ou chupeta.

O uso de mamadeira, bico ou chupeta, prejudica a amamentação e seu uso prolongado, prejudica a dentição e a fala da criança.

Refletindo sobre as contradições, sobre a consciência dos malefícios, a afetividade e os aspectos culturais do uso ou não da chupeta, pudemos conhecer melhor a relação mãe, criança e grupo social e as implicações deste relacionamento para o desenvolvimento infantil.

Devo ressaltar que muitas vezes antes do odontólogo ou fonoaudiólogo o profissional que tem um contato direto com as mães, desde o nascimento do bebê é o médico pediatra, que acompanha e orienta essas mães com relação ao uso ou não da chupeta. Dessa forma é importante que este profissional tenha uma visão abrangente do uso da chupeta, não somente falando para as mães não usarem pois a chupeta causa problemas a saúde do bebê ou mesmo, achando que não tem problemas chupar chupeta.

É importante entender essa díade mãe x criança, levando em conta a afetividade e as marcas culturais que a envolvem para assim, poder orientar da melhor forma possível.

Consideramos importante pensar sobre a sucção de chupeta, levando em conta não somente os aspectos orgânicos/estruturais que o seu uso acarreta para as funções que compõe o sistema estomatognático, mas, os valores culturais, as contradições e a relação afetiva que a abrange.

Assim após todo o meu percurso neste trabalho, posso dizer que “transformei” o meu olhar sobre chupeta. Dessa forma acredito que se deve considerar não só as alterações que a chupeta pode acarretar para o sistema estomatognático e a oclusão que são fatos a serem levados em conta, mas os aspectos afetivos e culturais deste hábito, sua história e o significado que o uso da chupeta tem para cada mãe.

Acredito que se o trabalho envolver esses aspectos, o abandono da chupeta será mais natural e menos sofrido tanto para a criança em seu desenvolvimento, como para a mãe que se sente confortada muitas vezes com o uso da chupeta pela criança.

Busquei com este estudo contribuir para que profissionais de saúde e educadores que trabalham diretamente com a criança e com as mães despertem um novo pensar

sobre a chupeta compreendendo o significado que a chupeta tem na relação mãe x criança, e o reflexo deste uso no desenvolvimento infantil. Assim poderemos atuar mais conscientemente em programas de apoio às mães e crianças dando-lhes possibilidade de uma reflexão crítica sobre o tema, que não imponha interesses de grupos, mas que ajude o relacionamento entre mães e filhos e garanta um desenvolvimento saudável e feliz.

Dessa forma acredito que procurei refletir e discutir as marcas culturais com relação ao uso da chupeta, que foram reveladas nos dizeres de mães e crianças e que me foram desvendadas a luz da perspectiva histórico-cultural proposta por Vigotski. Esse autor que me acompanhou por toda graduação e que me fez ver a constiuição de humano de forma diferente ou seja – mais humano e marcado culturalmente através das relações. E, em todo este percurso, deparei-me com Angel Pino que me fez compreender que o ser humano se torna cultural a partir do momento que tem contato e se apropria da cultura do outro, através da mediação, e do meio em que vive.

Sendo assim a criança se torna agente desse processo e se constitui como SER HUMANO CULTURAL.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA.JAG. Amamentação: híbrido natureza - cultura. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1999.

_____. Aleitamento materno: Uma visão sócio-cultural. In: Anais do I Congresso de Aleitamento Materno [compact.disc data storage].1 CD, colorido, sonoro, Joinville: Vídeolar- Grupo Origem;1996.

ALMEIDA , JAG & NOVAK, FR - Amamentação um híbrido natureza- cultura- Jornal de Pediatria vol 80, no. 5, 2004.

CALISTI LJP, et al Correlation between malocclusion, oral habits, and socio economic level of preschool children. J. Dent Res, Washington, 1960.

CANONGIA, M.B; COHEN, F.F & RÉGNIER, G.M.C. - Prevenindo os Distúrbios Orofuncionais. Rio Medi Livros, 1990. 66 p.

COSTA, JF. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal; 1983.

EWBANK, T.- Vida no Brasil ou diário de uma visita a terra do cacauero. São Paulo: Edusp: 1976.

GANZALEZ, N.Z.T & LOPES, L. D- Fonoaudiologia e Ortopedia Maxilar na Reabilitação Orofacial, ed Santos, São Paulo, p 45-46, 2000.

GOES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico –cultural:uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. Cad. CEDES., Campinas. V.20, n. 50, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br.php?script=sci_arttex&S0101-32622000000100002&Ing=pt&nrm=isso>. Acesso em: 20 Ago 2006. doi: 10.1590/S0101-32622000000100002.

GOLDEMBERG, P.- Repensando a desnutrição como questão social. Campinas: Editora Unicamp; 1988.

GUEDES, Z.C.F. - Algumas considerações fonoaudiológicas sobre a deglutição atípica numa abordagem multidisciplinar. Acta Awho, 4:40-6,1985.

HANSON, M.L & BARRET, R. H- Fundamentos da Miologia Orofacial, ed Enelivros, Rio de Janeiro, 1995.

JUNQUEIRA, P. - Amamentação, Hábitos Oraís e Mastigação- ed Revinter, Rio de Janeiro 1999.

LINO, A.P; -Ortodontia Preventiva Básica- Editoras Artes Médicas, 2^o. Edição, 1994.

MODESTO, A,CAMARGO MCF.Chupeta: bandida ou mocinha? J APCD 1998; 32:29.

MORESCA, C. A. & FERES, M. ^a- Hábitos Viciosos Bucais. In: PETRELLI, E. Ortodontia para Fonoaudiologia. Cap.10, Editora Lovise, 1992.p. 165-76.

MUNHOZ, L. C - Cantando e Aprendendo a Mastigar, a ouvir a respirar e a falar, ed Lovise, São Paulo 2002.

OLIVEIRA JÚNIOR GJA de. Relação entre sucção de chupeta e dedos. Pediatria moderna, 1991;26:39-43.

PAZ, SMR; BUENO, MB; SOUZA, JMP; SOUZA,SB. Uso da chupeta e duração do aleitamento materno. In :V Congresso Brasileiro de Epidemiologia;2002 março 23^a27; Curitiba; 2002.p.106.

PINO, A – As marcas do Humano-As origens da constituição cultural da criança na perspectiva de LEV S. VIGOTSKI, Editora Cortez, São Paulo, 2005.

PINKHAN et al; - Odontopediatria da Infância a Adolescência. 2^o. Edição, Editora Artes Médicas, 1996.

PRADO, C.; GHERSEI,T.; PETERS,C.F.& OLIVEIRA,S.F.- Análise da oclusão dos Segundos Molares e Caninos Decíduos em Crianças com e sem Hábitos de Sucção. Enciclopédia Brasileira de Odontologia 2 : 15-23,1990.

PROFFIT, W. R-Ortodontia Contemporânea. Editora Guanabara, 1995.596p.

RIBEIRO, G. U; DERECH,C, D; SÓRIA, M.L; LOCKS, A. - Aspectos Psicológicos do Hábito de Sucção Não-Nutritiva- Jornal Brasileiro de Ortodontia Ortopedia Facial, v.6, n.36.nov/dez. 2001.

REVISTA CRESCER, Edição 149, março 2006. Disponível- chupeta polêmica < http://www.ibfan.org.br/noticia_chupetapolemica.html Acesso em : 4 jan.2007.

ROSSI, N. J- Ortopedia Funcional dos Maxilares.Andrei Editora, 1986. 180 p.

SEIXAS, C. A. O; ALMEIDA, E.F & FATTORI, L. - Diagnóstico, Prevenção e Tratamento precoce para Hábitos Bucais Deletérios. Jornal Brasileiro de Ortodontia & Ortopedia Facial. 53-60,1998.

SERRA NEGRA, J.M.C; REIS, M.C.S; RAMOS JORGE, M.L; - Como eliminar os hábitos de sucção não nutritiva? J Brás Fonoaudiol, Belo Horizonte no. 3, ano 1,p.21-27, abr/mai/jun.2000.

SERTÓRIO,S.C.M & SILVA,I,A; -As faces Simbólica e Utilitária da Chupeta na Visão de Mães, São Paulo, Revista Saúde Publica, 2005;39(2):156-62.

SILVA, AAM. Amamentação: fardo ou desejo? Estudo histórico social dos saberes e práticas sobre aleitamento materno na sociedade brasileira [dissertação]: Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 1990.

SILVA,I A .Amamentar: uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios [tese doutorado].São Paulo: Escola de Enfermagem da USP;1994.

SOUZA, LMBM. Do leite fraco a biologia da excepcionalidade- as múltiplas faces da mesma moeda [tese]. Rio de Janeiro. Instituto Fernandes Figueira/ Fiocruz;2003.

TOLEDO, O A- Odontopediatria- 2^o. ED São Paulo ed Premier, 1996.

WIKIPEDIA, Disponível em < <http://en.wikipedia.org/wiki/pacifer#history>. Acesso em: 8 jan. 2007

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. Educação & Sociedade. Ano XXI, nº 71, Julho de 2000, p.21-44.

ANEXOS

ANEXO I

Senhores pais

Por favor, convido-os no dia _____ as _____ Hs para discussão do tema e objetivos do trabalho a ser realizado com seus filhos.

Conto com sua presença e colaboração para conversarmos sobre “CHUPETA”.

Obrigada

Raquel Felipe Dário-Fonoaudióloga e pesquisadora

QUESTÕES DIRECIONADAS AOS PAIS

Pesquisa de Mestrado- Fonoaudióloga- Raquel Felipe Dário

Instituição- _____

Nome da criança- _____

Data de nascimento e idade- _____

Seu filho chupa Chupeta?

Há quanto tempo? Qual a frequência?

Você ofereceu chupeta para seu filho? Porque?

Você acredita que a chupeta é necessária a criança? Porque?

ANEXO II

Sítio do Pica- Pau Amarelo

EPISÓDIO

AS MEMÓRIAS DE NARIZINHO

Como acontecia toda a noite após o jantar, Tia Anastácia retirou a mesa e Narizinho, Emília, Visconde e Pedrinho, juntamente com D. Benta, se sentaram na sala para ouvir as belas histórias de D. Benta.

Narizinho disse:

- Vovó conte-nos uma história diferente. Vamos lembrar de quando éramos pequeninos?

- Pois bem minha querida vou contar quando você chupava chupeta.

Emília olhou com um olhar assustado e perguntou:

- O que é essa chupeta aí?

Narizinho disse:

- Você não sabe? Ora Emília, chupeta é um objeto de plástico com bico de borracha que a gente chupa quando é bebê. Às vezes a gente demora um pouquinho pra largar ririrrrrrrrrrrr. Deu uma risadinha.

- Credo! Que coisa mais esquisita?

- É, disse D. Benta. Mas você Narizinho, quase ficou com dentes tortos, falando errado e com a boca molinha por causa da chupeta. Pois, você usou chupeta quando já estava na escola.

Narizinho disse:

- É vovó?E como era?

- Ah, minha netinha, você já acordava com ela na boca. Escovava os dentes e depois já colocava a chupeta, comia os bolinhos da Tia Anastácia e ia para a escola de chupeta. Brincava de chupeta, tomava banho com a chupeta, dormia de chupeta e, foi até no reino das águas claras de chupeta.

Emília perguntou assustada:

- Nossa! Ela comia de chupeta também?

Dona Benta riu! E disse.

- Claro que não né Emília!!!!!!!!!!!!!! Se não ela não conseguiria comer. Mas, logo que terminava de comer as gostosuras da Tia Anastácia, já colocava a chupeta e ia brincar pelo sítio.

- O Rabicó, queria enterrá-la no quintal, e o saci até escondeu lá na floresta, mas, a Narizinho achou a chupeta. Até a Cuca ajudou com os seus feitiços para fazer a Narizinho deixar a chupeta, mas, nada adiantou.

- Até que um dia, você minha netinha, olhou no espelho e viu como sua boca estava feia, seus dentes tortos, sua língua estava mole e você estava falando errado.

Emília disse entusiasmada:

- Já sei, a Narizinho, jogou a chupeta no lixão da Tia Anastácia e sem querer o Rabicó engoliu. Acertei?

- Visconde disse; - Acho que ela enterrou lá no quintal!
- Pedrinho falou: Acho que jogou no telhado!
- Nada disso disse D. Benta. Narizinho decidiu que daria sua chupeta para seus amigos Peter Pan, Branca de Neve, Cinderela e para o Lobo da Chapeuzinho Vermelho e, eles a levaram para bem longe. Lá no reino das Fadas!
- Eu chorei vovó? Perguntou Narizinho.
- Não, de jeito nenhum. Você estava preparada para deixar de chupar chupeta.
- Logo os seus dentinhos ficaram perfeitos, e você começou a falar direitinho. Pelos cotovelos, como diz a Emília.

- Visconde falou: Já sei, a senhorita Narizinho, aprendeu a falar com ajuda de uma fonoaudióloga a pessoa que cuida da fala.
- Isso mesmo! Disse D. Benta. E nunca mais ela quis saber da CHUPETA.
- Ainda bem, né, vovó?
- Emília disse-Você sente saudades Narizinho?
- Às vezes! Mas sei que meus dentinhos ficarão mais bonitos sem a chupeta.
- Emília disse!
- Vamos turma! Vamos todos cantar a Música que a Narizinho cantou para mandar a chupeta embora?
- Vamos!

FIM

MÚSICA RETIRADA DO LIVRO- Cantando e aprendendo a mastigar, a ouvir, a respirar e a falar de LAURA CYRINEU MUNHOZ-2002

ANEXO III DESENHOS PRODUZIDO PELAS MÃES



